

## **REFLEXÕES SOBRE A CATEGORIA IDENTIDADE FUNDAMENTADA NA PSICOLOGIA SOCIAL: ALGUMAS IMPLICAÇÕES PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES**

Moisés Nascimento Soares<sup>1</sup>

### **Resumo:**

Neste trabalho apresentamos os resultados de um estudo que busca refletir as contribuições da categoria identidade, fundamentada na psicologia social, para o campo da formação de professores. As noções de personagem, identidade-mito e identidade-metamorfose, política de identidade e identidade política parecem promissoras para melhor compreendermos e interpretarmos diferentes políticas públicas de formação de professores, o desafio decorrentes de sua implementação e avaliação contínua, de propostas variadas de formação de professores, seja nas licenciaturas, ou na formação continuada. Além das contribuições e ganhos decorrentes da análise de diferentes propostas formativas, tais noções ajudam a lançar um olhar de busca de compreensão das tensões e contradições implicadas em toda proposta e política pública voltada à formação de professores, iluminando o caráter dialético e complexo das dimensões pessoais, profissionais e institucionais nas quais se reconstrói a identidade dos sujeitos dela participantes.

**Palavras-chaves:** Formação de Professores. Identidade. Psicologia Social

### **Introdução**

A crise da identidade docente é uma discussão necessária e muito atual, na qual confluem miríades de fatores. Diniz-Pereira e Amaral (2010) mencionam um conjunto de tensões na formação inicial de professores que remetem aos velhos problemas que há décadas afligem as licenciaturas e os estágios, como a separação entre ensino e pesquisa, entre bacharelado e licenciatura, e a desarticulação entre formação acadêmica e realidade prática, corroborando a fragmentação do processo formativo. Além desses aspectos, os autores constatarem o quadro de proletarianização da docência que permanece crítico e que foi palco de problematizações mais intensas nas produções acadêmicas da área da educação, na década de 80 do século passado. Tal

---

<sup>1</sup> Professor Adjunto do Departamento de Ciências Biológicas e do Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Formação de Professores, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Campus de Jequié. Email: moiseshs@yahoo.com.br

descaracterização da profissão, bem como um conjunto de representações sociais dela, marcado pelo sentimento de mediocridade e inferioridade, reforçado por políticas públicas que não valorizam de forma concreta e objetiva os profissionais da educação, contribuem para que não haja identificação e assunção por uma escolha deliberada e consciente de muitos que ingressam nas licenciaturas.

Questões como as condições socioeconômicas daqueles que optam por uma licenciatura, a da diversidade de currículos e ementas dos cursos de licenciatura no país, são caracterizadas de forma mais ampla por Gatti (2010) que constata um quadro de pulverização da formação, sinalizando uma frágil preparação para o exercício do magistério. A precariedade das condições de profissionalidade bem como do perfil cultural dos licenciandos constitui um cenário preocupante, revelador do que consideramos ser uma crise de identidade, de formação e de sociedade. A reprodução desse cenário, no contexto histórico em que vivemos, parece agravar os processos de proletarianização da docência, de sua desvalorização social, do depauperamento dos sujeitos e, conseqüentemente, de limitações nos processos possíveis de construção de uma identidade crítica, capaz de resistir e lutar coletivamente em uma sociedade esfacelada.

Por outro lado, dentro de uma perspectiva de “linguagem da possibilidade”, como diria Giroux (1997), um amplo conjunto de propostas e pesquisas, com os mais variados enfoques, abordagens e perspectivas, tem sido elaborado para tentar superar esse dilema em torno da crise de identidade docente. As pesquisas do tipo “estado da arte”, no campo da formação de professores, elaboradas tanto na área da educação quanto na de educação para ciência, têm indicado os limites e as possibilidades dos diferentes modelos de formação adotados nas licenciaturas, principalmente das tentativas dos paradigmas da racionalidade prática e dos saberes docentes na superação dos fortes traços da racionalidade instrumental arraigados nos sujeitos e nas instituições formadoras (ANDRÉ, 2002; BRZEZINSKI, 2006; PRADA; VIEIRA; LONGAREZI, 2009; SLONGO; DELIZOICOV, ROSSET, 2009; CAMPOS et al. 2009).

Considerando a especificidade de trabalhos cujo objeto de investigação foi a reflexão sobre a identidade docente, dentro da área de ensino de ciências em particular, apresentamos aqui alguns resultados interessantes. Segundo Rosa et al (2008) os professores na formação inicial em ciências e química podem ser “várias coisas”, isto é, há interpelações distintas em relação a identidade profissional que se entrelaçam: do professor de química, do industrial e do bacharel-pesquisador.

A partir de referenciais próprios dentro dos Estudos Culturais, as referidas autoras sinalizam que os currículos nas licenciaturas, com suas relações assimétricas entre cultura e poder, conhecimento e autoridade, produzem diferentes identidades fragmentadas, bem próprias de nossa cultura contemporânea. Os diálogos culturais que permeiam as relações entre professores experientes e estagiários podem contribuir para fomentar processos de identificação privilegiados com a docência, envolvendo uma rede de sentimentos, histórias e circunstâncias distintas como condições de possibilidade para a formação do professor. Concluem, como resultados de suas pesquisas, que o currículo na licenciatura não pode ser entendido apenas como um conjunto de metodologias, com conteúdos próprios das ciências de referência, disciplinas e grade curricular, mas como uma narrativa em que diferentes identidades “se cruzam, se tangenciam, mesmo que se contradigam, fazendo composições” (ROSA ET AL, 2008, p. 157).

No trabalho de Brando e Caldeira (2009), as autoras buscaram avaliar as concepções profissionais de um grupo de formandos na licenciatura em ciências biológicas de uma universidade pública no interior do estado de São Paulo, trazendo à lume seu perfil em termos de perspectivas de atuação profissional. Utilizando o conceito de identidade dentro dos referenciais da psicologia social e da filosofia pragmática com a semiótica peirceana, as autoras analisam um conjunto de entrevistas com os sujeitos pesquisados e constataam a pouca identificação dos mesmos com o curso, da opção não deliberada pelos mesmos pela licenciatura, ajudando a explicar o desejo de desenvolver pesquisas na área específica da biologia e não no ensino de biologia. Concluem afirmando que o curso analisado pouco tem contribuído com a construção de uma identidade docente, sugerindo um trabalho mais cuidadoso na formação de formadores das disciplinas específicas e a reestruturação de certas disciplinas no curso, com acréscimos e substituições.

Balizados por referenciais psicanalíticos Lopes, Mello e Arruda (2005) investigaram a relação do processo de identificação (ou não) de um estagiário da licenciatura em biologia com diferentes professores regentes da escola e o quanto esse fenômeno interferia em suas reflexões e na construção de seus saberes docentes. Os processos de identificação remetem a elementos do inconsciente do sujeito e influem nas reflexões do sujeito pesquisado e na valoração que este atribui a modelos positivos e mais negativos dentre os professores regentes da escola. Concluem que é mais fácil os estagiários saberem o que querem ser a o que não querem enquanto professores

e lançam o desafio teórico da necessidade de um maior aprofundamento para compreensão do fenômeno da identificação.

E foi considerando esse desafio teórico que nos propusemos a estudar o conceito de identidade e suas contribuições para o campo da formação de professores. Tal como indicado acima, o conceito de identidade pode ser fundamentado em diferentes perspectivas teóricas, seja psicanalítica, dos estudos culturais, ou em uma vertente pós-moderna ou pós-estruturalista. Neste sentido, escolhemos o trabalho com o referido conceito dentro da psicologia social, com as contribuições de Ciampa (1998, 2001, 2006), por se aproximarem dos referenciais teóricos das chamadas perspectivas críticas, com as quais vimos trabalhando desde o mestrado e doutorado, com os fundamentos teórico de Paulo Freire, Henry Giroux, e dos pensadores da Teoria Crítica da Escola de Frankfurt, como Theodor Adorno e Walter Benjamin (SOARES, 2007, 2012).

Neste sentido a problemática que norteou este estudo foi a seguinte: quais as implicações da categoria identidade, fundamentada no campo da psicologia social, para o campo da formação de professores? Assim sendo, o objetivo deste estudo é refletir sobre as contribuições da categoria identidade, dentro da psicologia social, para o debate em torno da (re) construção da identidade docente de professores.

## **A Categoria Identidade Fundamentada na Psicologia Social**

Pedro (2005) realiza uma reflexão das especificidades da categoria identidade-metamorfose de Antônio Ciampa, apresentando alguns de seus pressupostos epistemológicos, teóricos e metodológicos. O materialismo histórico é uma forte influência para a compreensão do significado da identidade, envolvendo as contribuições de Hegel, Marx e Habermas. Ao explorar a lógica dialética do materialismo histórico, indica sua orientação epistemológica. Recorre também a Freud e a Heidegger para explorar as relações que a identidade estabelece com outras categorias relevantes da psicologia social e que ajudam a melhor compreender a própria identidade: atividade e consciência, ou seu inverso, o inconsciente.

Segundo Ciampa (1998, p. 88, 93) a identidade pode ser definida da seguinte maneira:

Falo como psicólogo social que define identidade humana como metamorfose, ou seja, o processo permanente de formação e transformação do sujeito humano,

que se dá dentro de condições materiais e históricas dadas.[...] processo que articula a subjetividade e a objetividade, ela é metamorfose constitutiva do sujeito, localizando-o no mundo, dando-se sempre como relação, tanto sincrônica como diacrônica. Evidentemente, não se trata aqui de metamorfose como processo natural (como a borboleta), mas de processo histórico e social, que se dá fundamentalmente como produção de sentido.

As condições para que os indivíduos se tornem sujeitos, ou seja, o “vir-a-ser-sujeito”, se dá na práxis social, na dialética da subjetividade e objetividade (CIAMPA, 1998). A metamorfose humana, como condição histórica e social, como possibilidade e tendência, possui um sentido emancipatório produzido na práxis. E é nela que as relações humanas expressam suas contradições, resultantes dos modos de produção material da sociedade capitalista, engendrando relações ambíguas. Traduz, assim, um movimento sincrônico e diacrônico dialeticamente constituído, definindo posturas, comportamentos, atitudes, engajamentos particulares de acordo com interesses distintos, ideologicamente produzidos nos mais diferentes grupos e instituições sociais, configurando sentidos não necessariamente com conteúdo emancipatório. Logo, toda “identidade concretiza uma política, dá corpo a uma ideologia” (CIAMPA, 2001, p.127).

O referido autor trabalha com a “noção de personagem” para ajudar a compreender a expressão empírica da identidade. A analogia que ele faz com a dramaturgia, advertindo que não se quer reduzir a complexidade da realidade social ao teatro, ilumina os meandros desta categoria. Todo personagem faz parte de uma história, com um enredo, outras personagens, cenários, atores, diretores e produtores. E para se conhecer uma personagem, não basta obter o maior número de informações possíveis que possam descrevê-la. É necessário interpretar e analisar essas informações a partir de sua atividade, ou seja, do que ela faz, de como ela se envolve com sua ação.

Segundo Ciampa (2001) fazemo-nos autores e atores sociais. E os autores, tanto quanto os personagens, se revelam um no outro. É nas relações e na atividade, no modo como nos reconhecemos e reconhecemos o outro, como o vemos e como ele nos vê, na esfera de nosso agir, em nosso trabalho humano, que se vai constituindo a identidade. Logo, ela não é apenas um produto, um dado, uma substância fixa, tal como transparece quando nos representamos com nosso nome, profissão, parentescos, dentre outros, dizendo quem somos. Mas se trata de como estamos sendo, como nos tornamos algo, o que ocultamos e revelamos, como se dá o jogo entre



aparência e essência, o que queremos ser, nossos projetos de vida, enfim, como estamos sendo formados e transformados em condições históricas e sociais dadas e em permanente mudança.

Contudo, dois mecanismos atuam conjuntamente para produzir o que Ciampa (2001) chamou de “identidade mito”, que forjam a aparência de mudança, a não-metamorfose. O primeiro é a reposição de uma identidade pressuposta. Ele oferece vários exemplos do mecanismo da reposição no âmbito familiar, do nascituro, do estar sendo pai, e do estar sendo filho. Em sua obra *A estória do Severino e a história da Severina*, a partir do confronto da história ficcional do Severino do poema *Morte e vida Severina* de João Cabral de Melo Neto e da história de Severina, nome fictício de uma nordestina que foi sujeito de sua pesquisa no doutoramento, o autor oferece uma gama de exemplificações desse mecanismo a partir da análise da história de vida de ambos. Na reposição há uma ideia de imutabilidade diante de uma identidade pressuposta, que é sempre repostada, vista como um produto, um dado, e não como se dando, num contínuo processo de identificação. Essa posição fixa acaba gerando expectativas em torno do que alguém deve ser, como deve se comportar, quais devem ser suas atitudes e modos de agir mais adequados, tornando-se algo mítico que prescreve coisas. O bloqueio do contínuo processo de identificação pela reposição infundável do que está pressuposto, caracteriza o segundo mecanismo, chamado de má-infinitude, no qual a “metamorfose” do sujeito se dá as avessas, repondo infundavelmente as mesmas personagens que representam apenas uma parte do sujeito, dificultando a sua superação dialética, a expressão cada vez mais autônoma de sua totalidade humana como devir.

Ao refletir sobre a necessidade de superação da identidade-mito, Ciampa (2001) comenta a possibilidade de alterização do sujeito, isto é, de ele tornar-se outro. Neste sentido, ele comenta sobre três sentidos possíveis de representar a identidade humana, que nos ajudam a elucidar essa questão: “1º representar, quando compareço como representante de mim mesmo; 2º representar, quando desempenho papéis decorrentes de minhas posições; 3º representar, quando reponho no presente o que tenho sido, quando reitero a apresentação de mim” (CIAMPA, 2001, p. 186). Embora todos os três sentidos sejam importantes, o problema se manifesta quando há uma prevalência do terceiro sentido, mantido pelo mecanismo de contínua reposição, de permanência, que não dá lugar às mudanças possíveis, à alterização, que permitiria o “vir a ser sujeito”, que se representa autonomamente no primeiro sentido, expressando mais da totalidade de sua natureza

humana, para além da determinação do particular de determinado papel (o segundo sentido) e da reposição enquanto mitificação (terceiro sentido).

Ele melhor explica esse processo de necessária alterização:

[...] isso consiste na alterização da minha identidade, na eliminação de minha identidade pressuposta (que deixa de ser re-posta) e no desenvolvimento de uma identidade posta como metamorfose constante, em que toda a humanidade contida em mim se concretiza. [...] Tudo isso indica uma possibilidade e uma tendência. Sua realização se dá sob condições históricas, sob condições materiais determinadas. [...] A progressiva concretização de um identidade humana será sempre, antes de mais nada, uma questão política: nas condições dadas, o que merece ser vivido? Que possibilidades reais (e não meramente formais) devem ser favorecidas? Que condições necessárias devem ser produzidas? Que desejos desejar? Que trabalhos trabalhar? Que trabalhos desejar? Que desejos trabalhar?” (p. 181, 216).

São essas questões levantadas pelo autor que conduzem à reflexão e discussão sobre a tarefa dos homens de nosso tempo, isto é, da realização de um projeto político. São as considerações em torno “do que merece ser vivido” que tem levado os homens a definirem seus projetos de vida, seus projetos de identidade. Segundo Ciampa (2001, p. 241), tais identidades devem ter “o suporte de comunidades em que todos tenham as mesmas oportunidades de – cada indivíduo – afirmar seu interesse para uma interpretação universalista, com comunicações fluidificadas, que outra coisa não são senão a velha democracia (...)”

E esse “suporte de comunidades” tem profundas relações com a discussão que o referido autor realiza sobre a relação entre política de identidade e identidade política. De acordo com Ciampa (2006, p. 4) a política de identidade busca “normalizar ou, de certa forma, homogeneizar uma coletividade, influenciando-a no sentido de que seus membros compartilhem significados que são considerados relevantes para dar sentido a atividade de cada um”. Ele exemplifica essas políticas mencionando aquelas ligadas aos projetos existenciais presentes nos movimentos sociais, como os movimentos negro e feminista, bem como as diretrizes de um determinado curso superior que estabelecem normas, regulamentos e princípios que definem determinado perfil de profissional que se aspira formar, ou seja, com uma identidade política.

A relação entre esses conceitos é expressa pelo autor da seguinte forma:

Como qualquer luta pela emancipação necessariamente tem uma dimensão coletiva, a questão é como a política de identidade de um grupo que busca um sentido emancipatório para sua atuação pode interferir na formação de um indivíduo de modo que ele, ao mesmo tempo, participe coletivamente da luta como membro do grupo e individualmente se concretize como alguém com capacidade de expressar sua singularidade como subjetividade que se constitui na trama da intersubjetividade. Trata-se de não impedir, de possibilitar a formação da “identidade política” do sujeito, como individualidade autônoma. A analogia seria com relação entre pai e filho, entre professor e aluno, entre terapeuta e cliente, relação em que quem põe em prática uma política de identidade vai se tornando cada vez mais desnecessário (CIAMPA, 2006, p.4).

### **Algumas Implicações Para a Formação de Professores: Primeiras Aproximações**

Neste tópico apresentamos algumas reflexões sobre as implicações dos estudos sobre a categoria identidade de Ciampa para a discussão sobre a formação de professores, em diálogo com autores como Contreras (2002), Garcia (2009) e Zeichner (1993, 2008). Considerando que as crenças sobre o ensino dirigem diferentes aspectos da prática profissional, os diferentes modos de representação de si (nos três sentidos) apresentados na teoria de Ciampa, podem ajudar a compreender as dificuldades do processo de mudança que os professores podem vivenciar ou não em suas práticas, experimentando ou não metamorfoses desejáveis e possíveis ao longo de seu desenvolvimento pessoal e profissional. A identidade profissional é um fenômeno relacional, mutável e coletivo. Neste sentido, a noção de personagem e os diferentes papéis que os sujeitos podem assumir, seja como ator ou autor de sua própria história, com seu enredo, e cenários distintos, podem iluminar os processos de identificação no âmbito pessoal e profissional que os professores experimentam ao longo da carreira.

O fenômeno da identidade mito e as diferentes ideologias que uma identidade pode dar corpo, podem auxiliar na compreensão do fenômeno da aversão à docência, bem como as dificuldades envolvidas no processo evolutivo dos sujeitos interpretarem e reinterpretarem suas experiências considerando identificações possíveis com outros modelos de docência para além de uma visão técnica de um expert aplicador de inovações e ideias de outros (CONTRERAS, 2002). É possível vislumbrar o entendimento de como o referido fenômeno se estabelece na relação do indivíduo com a instituição, no nosso caso mais específico, do licenciando que está no curso de



licenciatura em Ciências Biológicas, por exemplo, e quer ser bacharel em Biologia e não professor de Biologia. A identidade de bacharel parece ser continuamente reposta a partir de um conjunto de práticas, rotinas, técnicas, enfoques curriculares desequilibrados, discursos, relações de poder assimétricas entre os diferentes atores, de seus envolvimento diversos com as mais distintas atividades de iniciação à pesquisa em Biologia. Sugerimos que tudo isto vai configurando a personagem de “biólogo *stricto sensu*” como algo dado e não como se dando num contínuo processo de identificação. E a paralisia desse processo de identificação bloqueia as possibilidades dos indivíduos se envolverem com outras atividades e viverem outras personagens possíveis, incluindo aí a personagem de professor para a qual o curso e toda sua estrutura estão legitimados (ou deveriam estar) nas licenciaturas.

A partir da compreensão deste mecanismo, é possível pensar que mesmo envolvidos com as disciplinas de Práticas de Ensino e os Estágios Supervisionados, e com todo o repertório de disciplinas da educação, ou seja, com outras atividades típicas da formação e aprendizado para a docência, a identidade do bacharel torna-se como algo com poder sobre o licenciando, como que um “fetiche da personagem”. É aí que se articula o segundo mecanismo explorado por Ciampa (2001): da má-infinitude, em que as contradições de uma personagem, que está sendo sempre reposta, num ciclo infundável, mesmo que envolvida com outras atividades, não se resolvem como superação dialética. Não se produzem saltos qualitativos. Não ocorre a metamorfose, mas ocorrem ilusões de superação. Quando muito, nega-se, mas sem superar, perpetuando a mesmice, o “sempre igual” (CIAMPA, 2001).

Por outro lado a noção de identidade política e política de identidade podem ajudar a compreender as tensões e contribuições dos princípios que regem diferentes programas de formação nas licenciaturas, e as diferentes identidades profissionais desejáveis presentes em diferentes modelos de formação, como do professor reflexivo, pesquisador, intelectual crítico, dentre outros (CONTRERAS, 2002), bem como o grau de autonomia que os sujeitos encontram para definirem, não só o que estão sendo enquanto profissionais da educação, mas também o que querem vir a ser ao longo de sua história pessoal e profissional.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para Formação de Professores (BRASIL, 2002), o modo como os Projetos Políticos Pedagógicos das diferentes licenciaturas recontextualizam os princípios das DCN para seus próprios cursos, os projetos institucionais dos Programas

Institucionais de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), enfim, as diferentes políticas públicas para a formação docente parecem conter diferentes conteúdos e normas que definem uma ampla política de identidade pretendida. E a concretização possível do que os cursos de licenciatura pretendem não se dá sem contradições, tensões e desafios, incluindo aí, a expressão de uma individualidade autônoma de cada licenciando que não sinta que o curso e os diferentes espaços-tempo dentro dele se constituam como uma “camisa de forças”, e que heteronomamente tolha suas possibilidades de alterização contínua (CIAMPA, 2006).

Alguns trabalhos recentes, também fundamentados em alguns aportes da teoria da identidade de Ciampa, indicam resultados promissores que valem a pena serem aqui discutidos em diálogo com os desdobramentos da categoria identidade destacados em nosso trabalho. As investigações de Silva (2017) e Mendonça (2014) buscaram compreender como o PIBID-UESB, campus de Jequié, influencia na constituição da identidade profissional de licenciandos de Biologia. Embora o projeto institucional do PIBID-UESB se guie pelos princípios da interdisciplinaridade e da pesquisa-ação (UESB, 2013), nem todos os participantes das referidas pesquisas possuem uma compreensão clara do que esses princípios significam na prática pedagógica e em suas ações nos diferentes subprojetos dentro do projeto maior do PIBID. Por outro lado, a força da política de identidade em alguns subprojetos parece mais forte e evidente. É interessante perceber que os licenciandos de Biologia envolvidos com o subprojeto interdisciplinar e com colegas bolsistas de outras licenciaturas, dentro das linhas de ação da Educação Especial, Educação do campo, Educação Ambiental e Educação de Jovens e Adultos, parecem desenvolver uma identidade política muito singular, indicando sensibilidades muito particulares do que significa, por exemplo, ser um educador do campo, ou educador ambiental.

Embora exemplifiquemos aqui com o PIBID, há sim outros espaços-tempo nas licenciaturas que vicejam a formação de diferentes identidades políticas. O trabalho de Santos (2017) sugere algo nesta perspectiva. Ele buscou investigar as contribuições do PIBID, dos Estágios Supervisionados, dos Centros Acadêmicos e dos Grupos de Pesquisa na constituição da identidade docente de licenciandos de Biologia que passaram por eles. Os resultados indicam o sentido de complementariedade desses espaços quando analisado o impacto formativo dos mesmos a partir das avaliações que os entrevistados fizeram de seu percurso ao longo da licenciatura de Biologia da UESB, campus de Jequié. É curioso perceber, por exemplo, que os

licenciandos envolvidos com os Centros Acadêmicos, por suas atividades em prol de luta por seus direitos na universidade, e pelo posicionamento de busca por melhorias nos currículos de seu curso, conseguem perceber de forma mais nítida e explícita o sentido político de suas ações e a função social do professor de Biologia, o que não se evidencia em suas falas quando comentam do impacto de outros espaços, como o PIBID, embora este também preconize em sua política de identidade a formação de professores crítico-reflexivos, preocupados com as dimensões políticas, éticas e instrumentais de suas práticas e de suas formações.

### **Considerações Finais**

Este trabalho buscou refletir as contribuições da teoria de identidade de Ciampa (1998, 2001 e 2006), dentro da psicologia social, para o campo da formação de professores. As noções de personagem, identidade-mito e identidade-metamorfose, política de identidade e identidade política parecem promissoras para melhor compreendermos e interpretarmos diferentes políticas públicas de formação de professores, o desafio decorrentes de sua implementação e avaliação contínua, de propostas variadas de formação de professores, seja nas licenciaturas, ou na formação continuada. Além das contribuições e ganhos decorrentes da análise de diferentes propostas formativas, tais noções ajudam a lançar um olhar de busca de compreensão das tensões e contradições implicadas em toda proposta e política pública voltada à formação de professores, iluminando o caráter dialético e complexo das dimensões pessoais, profissionais e institucionais nas quais se reconstróem a identidade dos sujeitos dela participantes.

As contínuas re-estruturações curriculares nas licenciaturas, bem como as diferentes ações formativas decorrentes das políticas e programas de formação podem oferecer as condições materiais e ideológicas que contribuam com o processo de identificação dos licenciandos e professores com outras personagens, como por exemplo, de um professor crítico-reflexivo, ou de um intelectual crítico (GIROUX, 1997; ZEICHNER, 2008). Um dos desafios é resistir à lógica de paralisação do processo de identificação, engendrada pelo mecanismo da má-infinitude, com a contínua re-posição da identidade pressuposta, que pode petrificar-se no desejo de tornar-se o “Biólogo stricto-sensu” dentro de uma licenciatura, ou de um professor bancário, autoritário, preconceituoso e que projeta a sombra opressora em seus alunos e pares (FREIRE, 2005). Ampliar

as possibilidades de se viver outras personagens que valham à pena serem vividas continua sendo um projeto de formação e sociedade que nos inspiram, numa práxis cada vez mais fortalecida, coerente e de busca incansável por transformações do micro e macro contexto de pessoas, grupos e instituições formadoras.

## Referências

ANDRÉ, M. (org). **Formação de professores no Brasil - 1990 – 1998**. Brasília: INEP, 2002.

Disponível em:

<[http://www.publicacoes.inep.gov.br/arquivos/formacao\\_de\\_professores\\_148.pdf](http://www.publicacoes.inep.gov.br/arquivos/formacao_de_professores_148.pdf)>.

Disponível em: 19 de agosto de 2009.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Conselho Pleno. **Resolução CNE/CP 01/2002**. Institui diretrizes curriculares nacionais para a formação de professores da educação básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena.

BRANDO, F. R; CALDEIRA, A. M. A. Investigação sobre identidade profissional em alunos de Licenciatura em Ciências Biológicas. **Ciência e Educação**, Bauru, v. 15, n. 1, p. 155-173, 2009.

BRZEZINSKI, I. (Org). **Formação de profissionais da educação – 1997-2002**. Brasília: Inep, 2006. Disponível em: <[http://www.publicacoes.inep.gov.br/arquivos/{E7938201-8264-4C46-9935-09B88283020F}\\_MIOLO\\_ESTADO%20DO%20CONHECIMENTO%20N%2010.pdf](http://www.publicacoes.inep.gov.br/arquivos/{E7938201-8264-4C46-9935-09B88283020F}_MIOLO_ESTADO%20DO%20CONHECIMENTO%20N%2010.pdf)>. Acesso em: 19 de agosto 2009.

CAMPOS, L. M. L et al. Produção científica sobre formação de professores de ciências em eventos científicos na área de educação: primeiras revelações. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM ENSINO DE CIÊNCIAS, 7., 2009, Florianópolis. **Atas...**Santa Catarina: ABRAPEC, 2009. CD ROM.

CIAMPA, A. C. Identidade. In: LANE, S. T. M.; CODO, W (Org.). **Psicologia Social: o homem em movimento**. 13 ed. Editora Brasiliense: São Paulo, 1994. p.58-75.

\_\_\_\_\_. Identidade humana como metamorfose: a questão da família e do trabalho e a crise de sentido no mundo moderno. **Interações**, v. 3, n. 6, p. 87-101, 1998.

\_\_\_\_\_. **A estória do Severino e a história da Severina: um ensaio de psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

\_\_\_\_\_. Entrevista. São Paulo: **Construção Pedagógica**, v. 14, n. 1, 2006. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-69542006000100003&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542006000100003&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt). Acesso em: 22 de agosto de 2011.



CONTRERAS, J. **A autonomia do professor**. São Paulo: Cortez, 2002.

DINIZ-PEREIRA, J. E.; AMARAL, F. V. Convergências e tensões nas pesquisas e nos debates sobre as licenciaturas no Brasil. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO, 15., 2010, Belo horizonte. **Textos selecionados...**Belo horizonte: UFMG, 2010. p. 527-550.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 46. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GARCIA, M. C. **Formação de professores: para uma mudança educativa**. Porto Editora, 1995.

GATTI, B. Formação de professores no Brasil: características e problemas. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1355-1379, 2010.

GIROUX, H. **Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da sociedade**. Porto Alegre: Artmed, 1997.

LOPES, F. M.; MELLO, E.; ARRUDA, S. M. O papel da identificação na construção da relação entre o estagiário e o professor regente. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 5., 2005, Bauru. **Anais...**Bauru: ABRAPEC, 2005. 1 CD ROOM.

MENDONÇA, L. B. **As influências do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) na formação identitária dos discentes do curso de licenciatura em ciências biológicas da UESB**. 2014. 51f. Monografia (Graduação na licenciatura em Ciências Biológicas). Departamento de Ciências Biológicas, Universidade Estadual Do Sudoeste da Bahia, Jequié, 2017

PEDRO, W. J. A. O estudo da identidade no âmbito da psicologia social brasileira. **Revista Uniara**, Araraquara, n. 16, p.109-115, 2005.

PRADA, L. E. A.; VIERA, V. M. O.; LONGAREZI, A. M. Concepções de formação de professores nos trabalhos da ANPED 2003-2007. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 32., 2009, Caxambu. **Anais...**Caxambu: ANPED, 2009. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/32ra/arquivos/trabalhos/GT08-5836--Int.pdf>. Acesso em: 15 de setembro de 2010.

ROSA, M. I. P.; OLIVEIRA, A. C. G.; PAVAN, A. C.; CORRADI, D. P. Formação de professores de química na perspectiva da cultura: reflexões sobre a noção de identidade profissional. In: ROSA, M. I. P.; ROSSI, A. V. **Educação Química no Brasil: memórias, políticas e tendências**. Campinas: Átomo, 2008. p. 145 -160.

SANTOS, L. C. **Contribuições de diferentes cenários de formação na constituição da identidade docente de licenciandos de Biologia**. 2017. 77f. Monografia (Graduação na licenciatura em Ciências Biológicas). Departamento de Ciências Biológicas, Universidade Estadual Do Sudoeste da Bahia, Jequié, 2017



SILVA, . L. A. **O PIBID-UESB e a sua influência na constituição da identidade dos licenciandos do curso de ciências biológicas.** 2017. 158f. Dissertação (Mestrado em Educação Científica e Formação de Professores). Departamento de Ciências Biológicas, Universidade Estadual Do Sudoeste da Bahia, Jequié, 2017

SOARES, M. N. **Sentidos sobre o Ensino de Biologia e sobre a Trajetória Formativa: as Vozes dos Licenciandos sob a Égide da Perspectiva Crítica.** 2009. 201f. Dissertação (Mestrado em Educação para a Ciência). Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2009.

\_\_\_\_\_. **O estágio curricular supervisionado na licenciatura em ciências biológicas e a busca pela experiência formativa: aproximações e desafios.** 2012. 261f. Tese (Doutorado em Educação para a Ciência). Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2012.

SLONGO, I. I. P.; DELIZOICOV, N. C.; ROSSET, J. M. A formação de professores nas atas do ENPEC: uma análise preliminar. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM ENSINO DE CIÊNCIAS, 7., 2009, Florianópolis. **Atas...**Santa Catarina: ABRAPEC, 2009. CD ROM.

UESB. Projeto **Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID: Microrrede: Ensino-aprendizagem-formação.** Jequié: UESB, 2013. Disponível em:  
<http://pibid.uesb.br/ava/login/index.php> Acesso em: 23 do 06 de 2015

ZEICHNER, K. M. **A Formação Reflexiva de Professores: Ideias e Práticas.** Lisboa: Educa, 1993.

\_\_\_\_\_. Uma análise crítica sobre a “reflexão” como conceito estruturante na formação docente. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 29, n. 103, p. 535-554, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v29n103/12.pdf>>. Último acesso em 15 jan. 2015.